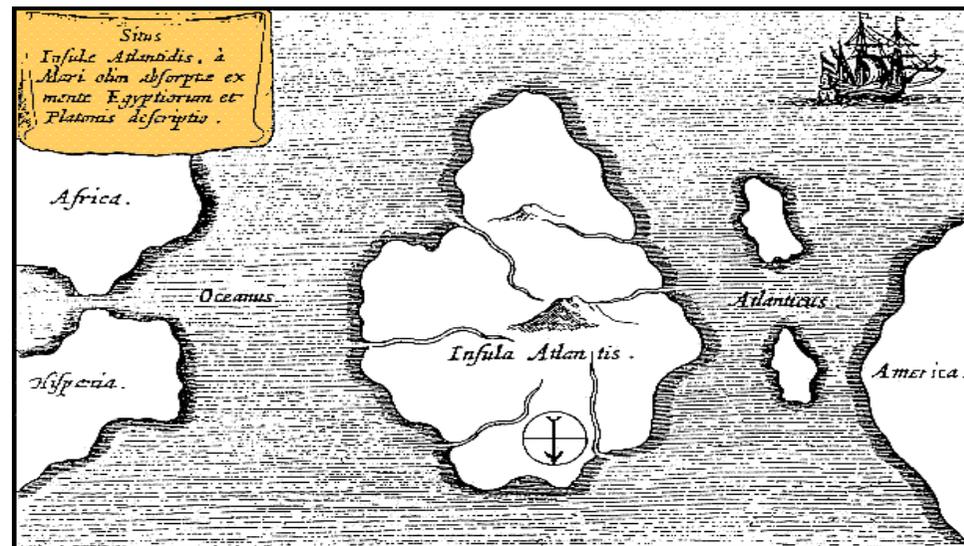


CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS

REVISTA DE ESTUDOS LUSÓFONOS, LÍNGUA E LITERATURA, DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

CADERNO Nº 4 março 2010

DEDICADO a Vasco Pereira da Costa



CADERNO Nº 4 março 2010

DEDICADO a Vasco Pereira da Costa

Todas as edições estão em linha em <http://www.lusofonias.net>

Editor AICL/Colóquios da Lusofonia

Coordenadoras Helena Chrystello / Rosário Girão dos Santos

CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia para todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)

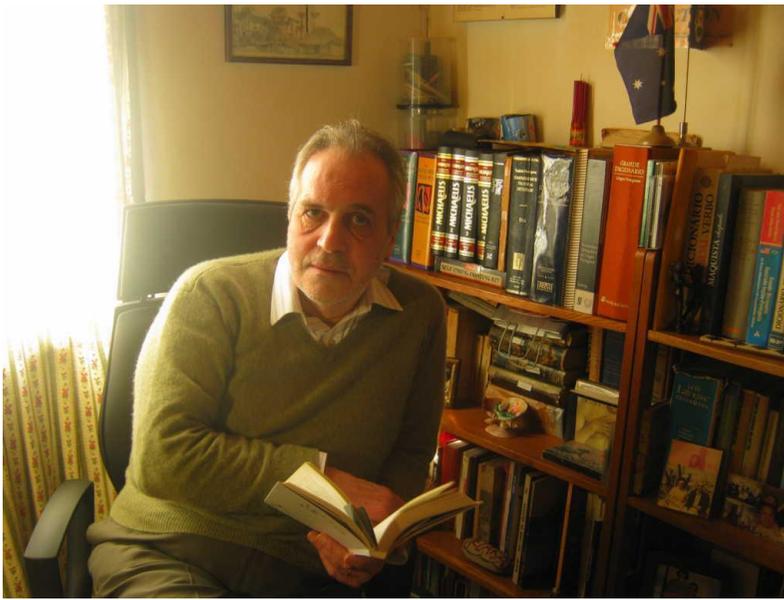


Editado por

COLÓQUIOS DA LUSOFONIA (AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA - revista janeiro de 22

Em linha ISSN 2183-9239 CD-ROM ISSN 2183-9115

Em linha ISSN 2183-9239 CD-ROM ISSN 2183-9115



NOTA INTRODUTÓRIA DO EDITOR, CHRYS CHRYSTELLO

No XI Colóquio da Lusofonia na Lagoa em 2009 (4º Encontro Açoriano), decidimos obviar ao fim do Curso de Estudos Açorianos na Universidade dos Açores¹ e organizar na Universidade do Minho, Braga, com a colega Rosário Girão, um **Curso Breve “AÇORIANIDADE(s) e INSULARIDADE(s)”**.

A partir desse ano, diversos alunos de mestrado da Universidade do Minho, entre outras, trabalharam autores açorianos traduzindo excertos para francês e inglês e tais autores açorianos foram incluídos em doutoramentos e mestrados na Polónia e Roménia.

Decidimos então criar no nosso portal AICL (www.lusofonias.net) os **Cadernos de Estudos Açorianos** para dar a conhecer excertos de obras (na sua maioria esgotadas) de

autores açorianos e, assim, abrir uma janela de conhecimento e divulgação sobre esta peculiar e rica escrita que entendemos ser diferente.

Em janeiro 2010, brotaram estes despreziosos **CADERNOS de ESTUDOS AÇORIANOS** para acesso generalizado, fácil leitura e descarga em formato pdf. A sua conceção assenta na premência de dar a conhecer a **AÇORIANIDADE LITERÁRIA, servirem de complemento aos currículos regionais e às Antologias de Autores Açorianos que a AICL começou a publicar a partir de então.**

Os CADERNOS de ESTUDOS AÇORIANOS são uma publicação trimestral que tenta chegar a leitores nunca imaginados em todo o mundo. Não há qualquer critério – além da arbitrariedade - a definir a ordem de apresentação dos autores.

Muitos autores fazem parte da **ANTOLOGIA DE AUTORES AÇORIANOS CONTEMPORÂNEOS** que a Helena Chrystello e a Rosário Girão compilaram na versão **bilingue** (PT-EN) em 2011, na **monolingue** em 2012, na Coletânea de Textos Dramáticos de 2013, a que seguiu, em 2014, uma Antologia no Feminino “**9 ilhas, 9 escritoras**”. Acolhemos como premissa o conceito de **Martins Garcia** que, admite uma literatura açoriana «*enquanto superstrutura emanada de um habitat, de uma vivência e de uma mundividência*”.

A açorianidade literária (termo cunhado por Vitorino Nemésio, na revista *Insula*, em 1932) não está exclusivamente relacionada com peculiaridades regionais, nem com temas comumente abordados na literatura (a solidão, o mar, a emigração), ou como escreveu **J.**

¹ Criado e ministrado por Martins Garcia, posteriormente, por Urbano Bettencourt

Almeida Pavão (1988)...*“assume-se tal Literatura com o estatuto de uma autonomia, consentânea com uma essencialidade que a diferencia da Continental”*.

Assim, para nós [AICL], é Literatura de significação açoriana, *“a escrita que se diferencia da de outros autores de Língua portuguesa com especificidades que identificam o autor talhado por elementos atmosféricos e sociológicos descoincidentes, justaposto a vivências e comportamentos seculares sendo necessário apreender a noção das suas Mundividências e Mundivivências, e as infrangíveis relações umbilicais que as caracterizam face aos antepassados, às ilhas e locais de origem”*.

A AICL entende que o rótulo comum de **açorianidade** abarca extratos diversos de idiosincrasias:

— *Um de formação endógena, constituído pelos que nasceram e viveram nas Ilhas, independentemente do facto de se terem ou não terem ausentado;*

— *O dos insularizados ou «ilhanizados²», e de todos que consideram as ilhas como “suas” de um ponto de vista de matriz existencial;*

- *Um de formação exógena, no qual se incluem todos os que não nascendo nas ilhas a elas estão ligados por matrizes geracionais até à sexta geração.*

As obras já desenvolvidas e publicadas pela AICL (Colóquios da Lusofonia) em parceria com a Editora Calendário de Letras, numa série de antologias, visam dar a conhecer ao público em geral e – muito especialmente – aos professores e estudantes, excertos de autores cujas obras estão fora do mercado comercial, das livrarias e muitas vezes até das bibliotecas. Sugerimos pois a consulta das seguintes obras coeditadas pela Editora Calendário de Letras

- Antologia Bilingue de (15) Autores Açorianos Contemporâneos,
- Antologia (Monolingue) de (17) Autores Açorianos Contemporâneos,
- Coletânea de Textos Dramáticos de (5) Autores Açorianos,
- Antologia no Feminino “9 Ilhas, 9 Escritoras”

Ou a nível mais pessoal o meu livro “CHRÓNICAÇORES (vol. 2) uma circum-navegação de Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores, e o “Crónica do Quotidiano Inútil, 40 anos de vida literária”, com as suas doses de açorianidade.

Para os iniciados em autores e temas açorianos, sugerimos que consultem a bibliografia geral da açorianidade a publicar em 2017, com mais de 19 mil entradas compilada ao longo de mais de sete anos. Ali incluímos autores açorianos (residentes, expatriados e emigrados), estrangeiros ou nacionais (açorianizados ou não) que escreveram sobre temáticas açorianas. Exaustiva é, mas ainda incompleta, se bem que seja indicadora do se tem produzido e muito do qual merece ser lido, analisado, criticado, trabalhado e traduzido.

Nem todos os trabalhos dizem respeito a literatura já que a quisemos tornar o mais abrangente possível e englobar nela o maior número de obras, de uma forma ou outra, relativas à AÇORIANIDADE. Dentre as obras literárias muitas não serão obras-primas nem relevantes, outras permanecem atuais pelo seu interesse histórico, mas por entre o trigo e o joio há excelentes obras à espera de serem descobertas, lidas e ensinadas. Dos autores contemporâneos de que falamos nos três últimos Cadernos, selecionei alguns daqueles por quem nutro mais apreciação literária: **Cristóvão de Aguiar, Daniel de Sá, Dias de Melo** e para esta edição, **Vasco Pereira da Costa**. Pretendia-se com estes quatro cadernos completar o primeiro ciclo anual previsto e, a partir de agora, manter a publicação trimestral

² adotando a designação feliz utilizada por Álamo Oliveira, a propósito do poeta Almeida Firmino



RIO DE JANEIRO 13º COLÓQUIO DA LUSOFONIA 2010

VASCO PEREIRA DA COSTA Nasceu em 1948, em Angra do Heroísmo. Licenciado em Filologia Românica pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Professor dos ensinos secundário e superior.

Coordenou várias ações de formação no âmbito do ensino e da aprendizagem da Língua e da Literatura Portuguesas e da Expressão Dramática, no país e nos E.U.A. e Canadá.

Organizou o I e II Congressos sobre a Literatura para Crianças, promovidos pela Escola Superior de Educação de Coimbra.

Foi relator de duas mesas e redator das **Conclusões do Congresso Nacional de Educação de Adultos**.

Foi Coorganizador do **Congresso Leituras de Antero** (Coimbra, 1991). Coordenou o simpósio **Leituras de Nemésio** (Coimbra, 2001).

De 1991 a 2000, diretor do Departamento de Cultura, Turismo e Espaços Verdes da Câmara Municipal de Coimbra. Integrou o grupo de trabalho **Culture sans frontières** para o estudo do turismo cultural das cidades europeias de média dimensão, patrocinado pela D.G.X. da União Europeia.

Representante de Portugal no programa **At the Fault Line, da True and Reconciliation Comission** (Universidade de Cape Town).

Tem proferido conferências e participado com comunicações sobre temas pedodidáticos, literários e de gestão das atividades culturais em Portugal, Espanha, França, Bélgica, Inglaterra, Holanda, Irlanda, Estados Unidos da América, Canadá, Venezuela, África do Sul, Senegal, Cabo Verde, Macau e Brasil.

Tem estado envolvido em diversas ações de dinamização cultural, nomeadamente, na Rádio, no Teatro, na Televisão e na área das Artes Plásticas.

Integrou o corpo redatorial do **Jornal de Coimbra** e tem colaboração dispersa sobre temas pedagógicos, literários e culturais por vários jornais e revistas.

Foi Cônsul Honorário de França em Coimbra.

De 2001 a 2008 exerceu as funções de Diretor Regional da Cultura nos VIII e IX Governos Regionais dos Açores.

É membro do Conselho Diretivo da FLAD – Fundação Luso-americana para o Desenvolvimento e presidente da Assembleia Geral da Alliance Française.

Foi agraciado com o título de Doutor honoris causa pela Universidade de São José (Macau);

Foi o autor açoriano convidado dos Colóquios da Lusofonia no biénio 2010-2011 NA HOMENAGEM CONTRA O ESQUECIMENTO.



OBRAS PUBLICADAS:

1. Costa. Vasco Pereira da, (1972). *5 poemas*. Vértice 32
2. Costa. Vasco Pereira da, (1978). *Nas escadas do império*: Contos. Coimbra ed. Centelha.
3. Costa. Vasco Pereira da, (1979). *Amanhece a cidade*. Romance. Coimbra ed. Centelha
4. Costa. Vasco Pereira da, (1980). *Venho cá mandado do Senhor Espírito Santo*. Novela; ed. Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa.
5. Costa. Vasco Pereira da, (1981). *Ilíada*. Poesia. Angra: SREC col "Gaivota".
6. Costa. Vasco Pereira da, (1984). *Plantador de palavras vendedor de lérias*, contos. 1º Prémio Miguel Torga. Coimbra. Serviços Culturais. Câmara Municipal.
7. Costa. Vasco Pereira da, (1987). *Memória breve*. Contos. Angra IAC
8. Costa. Vasco Pereira da, (1992). *Riscos de marear*; Poesia. Ponta Delgada, ed. Eurosigno
9. Costa. Vasco Pereira da, (1994). *Sobre ripas sobre rimas*, poesia. Coimbra: Minerva.
10. Costa. Vasco Pereira da, (1997). *Terras*. Poesia. 1ª ed. Porto: Campo das Letras
11. Costa. Vasco Pereira da, (1999). *My Californian friends*. 1ª edição, ed. Gávea Brown:
12. Costa. Vasco Pereira da, (2000). *My Californian friends* 2ª Ed., Viseu. Palimage
13. Costa. Vasco Pereira da, (2000) in *Nove rumores do mar. Antologia de Poesia Açoriana Contemporânea*, org. Eduardo Bettencourt Pinto e Vamberto Freitas. Instituto Camões e Seixo Publishers
14. Costa. Vasco Pereira da, (2007) in *Voices from the islands, an Anthology of Azorean Poetry*. John M K Kinsella. Gávea-Brown
15. Costa. Vasco Pereira da, (2009). "Geometria descritiva". Angra. *Atlântida* IAC
16. Costa. Vasco Pereira da, (2010). "Manuel Alegre, um poeta dos Açores". 13º *Colóquio da Lusofonia*. Floripa. Santa Catarina. Brasil
17. Costa. Vasco Pereira da, (2011). "Angra do Heroísmo, escala universal da literatura". 15º *Colóquio da Lusofonia*. Macau

18. Costa. Vasco Pereira da, (2011). *O fogo oculto*, poesia, ed. Calendário de Letras. Vila Nova de Gaia
19. Costa. Vasco Pereira da, (2011). "Génese de dois poemas sobre Santa Maria: *Cristóvão Colombo em Sta Maria (Riscos de Marear)* e *Baía da Cré (Fogo Oculto)*". 16º *Colóquio da Lusofonia*. Santa Maria. Açores
20. Costa. Vasco Pereira da, (2011) in *Antologia Bilingue de Autores Açorianos Contemporâneos* de Helena Chrystello e Rosário Girão. AICL, *Colóquios da Lusofonia*, ed. Calendário de Letras, Vila Nova de Gaia
21. Costa. Vasco Pereira da, (2012). "O pré-texto do filme Anthero, o Palácio da Ventura de José Medeiros". 17º *Colóquio da Lusofonia*. Lagoa. Açores
22. Costa. Vasco Pereira da, (2012) in *Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos* de Helena Chrystello e Rosário Girão. AICL, *Colóquios da Lusofonia*, ed. Calendário de Letras, Vila Nova de Gaia
23. Costa. Vasco Pereira da, (2012). *Ilíada, antes e depois 1972-2012*, poesia, ed. Calendário de Letras. Vila Nova de Gaia.
24. Costa. Vasco Pereira da, (2015), coord. *Emanuel Félix: Obras Completas 4 vols.* DRC

Atualização da bibliografia em <https://www.lusofonias.net/5-bga-bibliografia-g-a%C3%A7orianidade.html>

Além do mais é pintor, com o pseudónimo Manuel Policarpo."

FOI O AUTOR AÇORIANO CONVIDADO DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA PARA 2010-2011 NA HOMENAGEM CONTRA O ESQUECIMENTO



GALIZA 2012 18º COLÓQUIO DA LUSOFONIA

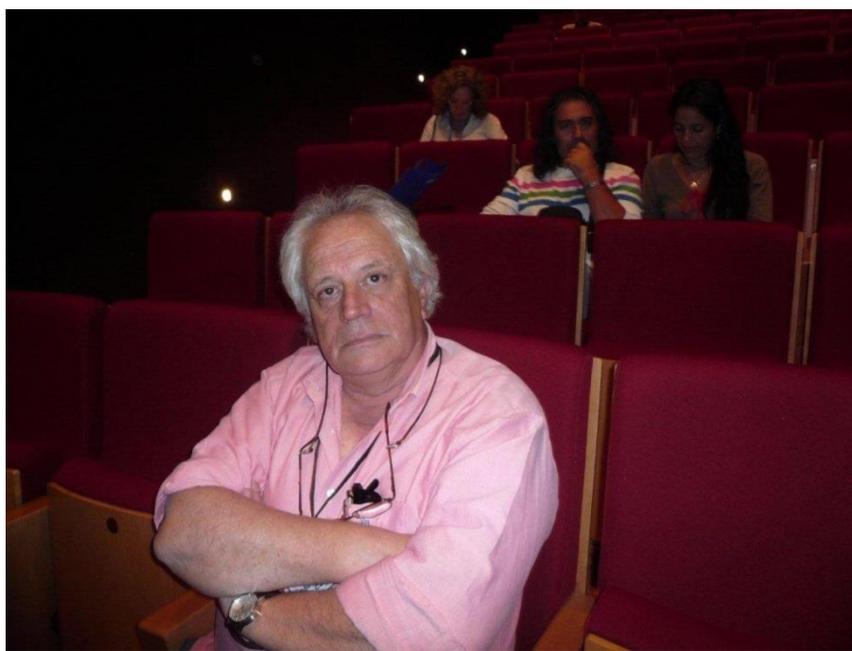


GALIZA 2012 18º COLÓQUIO DA LUSOFONIA

GALIZA 2012 18º COLÓQUIO DA LUSOFONIA



GALIZA 2012 18º COLÓQUIO DA LUSOFONIA



GALIZA 2012 18º COLÓQUIO DA LUSOFONIA



GALIZA 2012 18º COLÓQUIO DA LUSOFONIA



FLORIPA 13º COLÓQUIO DA LUSOFONIA 2010



Conversa com Vasco Pereira da Costa: <http://blip.tv/file/get/Rotasnailha-ConversaNoSofComVascoPereiraDaCostaDirectorRegionalDa960>

Além do mais é pintor, com o pseudónimo Manuel Policarpo. As suas mais recentes Exposições de Pintura ocorreram 2009, no Museu dos Baleeiros das Lajes do Pico, depois na Ilha Terceira e em outubro 2009 em São Miguel (Portas do Mar). Intitulava-se **As Ilhas Conhecidas - Cartografia e Iconografia**.

Pintura crítica do Espírito Santo...Segundo o texto de M. Poivreau, que consta do catálogo, “As paisagens daqui resultantes” (...) “são abstratas essencialmente, e admitem, mesmo assim, uma grande diversidade de motivos figurativos tratados de maneira realista por vezes, de um modo naïf outras vezes. Eis como surgem mares, linhas de costa, céus, as cartografias – tudo reinventado através da matéria e da cor” (...) “

Os quadros de Manuel Policarpo, que insiste na busca de signos sobre os rituais do Espírito Santo, tão enraizados nas suas ilhas dos Açores, [formulam] imagens que [conduzem] a uma leitura crítica, na tentativa de explorar valores socioculturais.”

<http://videos.sapo.pt/QlsskgZEtIZRSYuZ6zbS> -



FAIA-DA-TERRA”

(“FAIA-DA-TERRA”, NAS ESCADAS DO IMPÉRIO. COIMBRA, FICÇÃO – CENTELHA, 1978, PP. 11-12-16-21-22-23-24-26-27).

”Pela Canada Nova entra um nevoeiro pegajoso e de madorra. Uma barra pesada que esconde o mar e faz da araucária da Quinta Velha um fantasma que tolhe os ânimos.

Sancha, a mais velha, acabara de depor as folhas de jarroca na amassaria. Era sexta-feira e a mãe amassava o crescente com a farinha de milho.

No forno estalavam a rapa, o eucalipto e o loiro: um fumo hierático de odores inchava pela casa. Lavou depois as folhas de botar pão e veio sentar-se ao pé dos meus socos de milho [...]

Arrumou as galochas no sobrado, acomodou os pés nas minhas pernas e picou o linho de azul.

- Já não és o meu franganito de vintém... Já estás um galo da Madeira que qualquer dia não queres saber mais da Chinchinha!

Afaguei-lhe um piso, um arranhão somenos, abaixo do joelho. Sancha e eu pressentimos a ultrapassagem do mimo no gesto que era, na origem, carinho, mas que se prolongava para além do imaculado de que deveria revestir-se.

Assarampantou-nos a voz da Senhora Mercês, reinosa na cozinha, por via da lenha verde que só se babava:

- Isto está mesmo um tempo de abalos de terra! T'arrenego, excomungado! Sancha, Mafalda, Teresa! Ah vocês! Venham cá à reza dos abalos! [...]

Trás-de-casa havia uma goiabeira, mandarinas, uma fona-de-porca, dalias, bananas-de-água de capacete amarelo, salsa, funcho, duas figueiras, malmequeres, jambes, muita urtiga, groselha, araçaleiros e uma faia-da-terra.

Há coisas do arco-da-velha. Aquela faia-da-terra, para Teresa, a mais moça, era a modos que um templo: ficava horas desfiadas, nos galhos empoleirada, rodando nos dedos as bagas amarelas, os cabelos adornados das flores brancas e cheirosas, numa liturgia primaveril e pagã que alentava a vida e animava a terra.

E há a música.

Pois ele é lá possível que pense Teresa e a faia sem música!... Não albornei no ouvido nenhuma melodia, não. O silêncio marcava-as, ambas e duas. Mas talvez o vento, as folhas que se mexiam, sei lá, os pios do melro-preto ou do tintilhão... [...]

No dia de toiros da Terra do Pão, manhã cedo, Teresa e mais a mãe foram para a Mafalda que agora carregava uma barriga do tamanho de um balseiro. [...] Horas antes do primeiro bombão, contudo, Teresa foi tratando de arranjar assento para o arraial. E estava bem bonito. Poderio de povo de toda a ilha, tourada de fama, coisa rija, [...] Há, porém, um carro que quer passar. Apita-me naquela buzina, mas as vozes dos homens abafam-na. Parou em frente do balcão onde está Teresa. [...] Lá dentro, um rapaz muito loiro, de cabelo

à escovinha que parecia acabado de sair da tenda do Mestre Lêndea, os olhos azuis, um sorriso largo e desassossegado. [...]

Teresa tinha dado no goto ao americano. Ei-lo que vinha, come back para trás, a pé. Pelo caminho, aprendeu da arte do queres-me querer com os rapazes da ilha [...]

Até à hora do foguete de aviso, os braços do vendedor estendiam, na ponta do bordão de carroto, os candins, as favas, o milho torrado doce, os pinotes, as pevides, as gamas, os rebuçados de alfenim, os chocolates da Base, que Teresa, embaçada, (envergonhada? vaidosa?) distribuiu por quem lá estava, à laia de bodo. [...] E os olhos (ainda os olhos) pretos de Teresa, pretos, pretos, da cor que amora tem, cederam (imolaram-se, escrevo) ao azul estrangeiro e a-venturoso.

Hoje, um envelope de risquinhas vermelhas e azuis trouxe-me novas do novo mundo. Chegou by air mail e diz-me, por fora, que vem da parte de MRS. TERESA PIEL. Por dentro, dá-me por notícia que lhe nasceu o segundo filho, Michael, que estava para ser Robert, Bob ou Bobby, como lá se diz, mas que bóbi é nome de cão. Que Jorge e Sancha já vão em três tramocinhos e que Mafalda e Carlos, nada de muita atramoçadura, se ficaram pela menina que na ilha brotou. [...] Que trabalham que se pingam, que estão todos muito bem e mortos de saudades. E pede-me que, da próxima, lhe mande umas florzinhas de faia. [...] Essa menina é Teresa, a autora da carta que ficou dita. Foi para a América, como já sabem. Pois bem: a faia-da-terra secou!

Secou sem dar satisfações à chuva, à terra, ao vento, às outras árvores. Dois meses depois da partida do avião da PanAmerica, de um dia para o outro deu em mirrar, em ficar castanha.

Nada há a fazer senão pô-la a cozer pão.

De outra faia colhi a flor, [...]"



FLORIPA 13º COLÓQUIO DA LUSOFONIA 2010

“PLANTADOR DE PALAVRAS”, PLANTADOR DE PALAVRAS VENDEDOR DE LÉRIAS. COIMBRA, SERVIÇOS CULTURAIS, 1984 – “PRÉMIO MIGUEL TORGA”,

“Ah, meus senhores, mas isto aqui não é a Itália. É a *mui nobre leal e sempre constante* cidade de Angra do Heroísmo, ao tempo em que o Autor nela carregava a sua adolescência de amores, temores e rancores. Como podem observar, uma cidade espartilhada entre mar e mar, com dois castelos a estrangulá-la; com suas casas, nobres por fora e burguesíssimas por dentro; praças com estátuas e engraxadores; lojas sonolentas, comerciantes lentos e clientes ensonados; automobilistas imprevidentes nos seus vinte à hora, que quase atropelam a distração dos peões; um governador civil e três governadores militares; cinquenta e sete prostitutas; dezanove bombeiros voluntários que voluntariamente vão de borla ao cinema; vinte e cinco meninas que namoram à janela e,

estatísticas de ontem, catorze desfloradas nos saguões; um bispo, dois monsenhores, sete cónegos na sua Catedral; três parvos oficiais, que fornecem o riso oficial e obrigatório nos dias úteis e inúteis; um Presidente para a sua Câmara, com o seu secretário e um contínuo – que, por ser funcionário público, não está incluído no número dos três parvos oficiais que o quadro comporta. Esta cidade tem trinta e quatro velhas de lenço e três senhoras idosas de chapéu; quarenta e sete bêbados e oito senhores que andam às vezes alegriños; cento e vinte e nove rapazes, cento e trinta e duas raparigas, vinte e dois meninos e trinta e uma meninas; o número de naiões – invertidos encartados e Sócios de Mérito da Corporação das Criadas de Servir – é de setenta e sete, mas nunca foi feito o recenseamento dos homens com pitafe; quarenta e três professores do Liceu, dos quais vinte são professores do Seminário Maior, onde há quinhentos e setenta e oito seminaristas menores, dos quais oitenta e nove vírgula seis por cento oriundos da cristianíssima ilha de São Miguel o Arcanjo e do Senhor Santo Cristo dos Milagres e ainda de outros Senhores, que se passeiam no Jardim Duque da Terceira, todas as quintas, entre as duas horas e sete minutos e as quatro horas e quarenta e oito da tarde, em bandos de estorninhos; quinze chauferes, um cauteleiro, sessenta e nove caloteiros identificados com o indicador da mão direita, noventa e seis donas-de-casa e igual número de maridos operacionais; quarenta e sete viúvas praticantes, vinte e seis viúvas protestantes e oito viúvas de fresco ainda indecisas; sessenta e oito cavalheiros são simultaneamente irmãos devotos da Confraria de Nossa Senhora do Monte Carmelo, da Irmandade do Senhor dos Passos e da Ordem Terceira de São Francisco; quatro agiotas dissimulados, que vestem de preto e usam chapéu, e que se sentam, para o negócio, na terceira banquetta do Pátio da Alfândega; cinquenta agentes da Polícia de Segurança Pública, dos quais três são da *Secreta* e, por isso, para não serem conhecidos, trajam à paisana: o Cebola, o Tombado e o Zarolho; dois vendedores de milho torrado, pevides e caramelos *sugardady*; duzentas e nove beatas de novena, quarenta e oito de terço e mantilha, vinte devotas de enfeitar capelas, dezassete de sacristia, catorze irmãs de padre e meia dúzia de sobrinhas; um batalhão de soldados do Castelo, que

aparecem à boquinha da noite triste, arrastando as botas tristes pelo empedrado tristonho; três namoradas de aspirantes, que fazem todas as recrutas; uma média de um vírgula oito por mil de americanos da *United States Air Force Azores Pochugal* por dia, facilmente reconhecíveis pelo tamanho dos pés e por uma garrafa de *Matiós Rossé* dançando na mão direita; quarenta e três indivíduos usam gravata verde porque são adeptos do Lusitânia e trinta e nove põem gravata vermelha porque são sócios do Angrense, havendo que mencionar ainda dois laços – um poeta e um boticário. A cidade tem dezoito tabernas, seis cafés e duas pastelarias.

Vamos agora mudar o cenário...”

“GIBICAS”

(“GIBICAS”, NAS ESCADAS DO IMPÉRIO. COIMBRA, FICÇÃO – CENTELHA, 1978, PP. 131-132-133-135-136-137-138-139-140-141).

“- Thank you - dizia o professor Honório.

- Tanquiú – repetíamos nós em coro.

- Assim com a língua entre os dentes: thhh, thhh, thhhankyou.

- Tanquiú, tanquiú.

- Fóqui, fóqui – gritara no cheio das vozes, impercetível para o mestre, o Gibicas que aprendera americano nas engraxadelas da Praça Velha e nas pedinchices da Rua da Sé.

[...].

Apesar do Gibicas não saber as estações do caminho-de-ferro da linha da Beira-Alta, de não conseguir reduzir metros a quilómetros, de soletrar mal e porcamente duas sílabas, de nunca ter decorado as preposições, de não conhecer os afluentes da margem esquerda do Cávado, apesar de tudo isto e do mais, o Gibicas era, para mim pelo menos, o companheiro de mais sabedoria. A minha escala de valores, porém, não correspondia à do Honório e, enquanto eu dava ao Gibicas a minha admiração e a

minha amizade, o professor recompensava-o com bolos nas mãos, às dezenas, e com suplícios de estátua, nariz comendo sombra de parede durante horas a fio.

Quero entretentes esclarecer que na escola do Alto das Covas tive dois professores. Um conferia os meus conhecimentos em matérias mais ou menos abstratas – História, Geografia... as lições de cor, a leitura, as cópias, os ditados e os números. Competente e mantenedor da disciplina, esse era o que tinha o título e os louros de mestre insigne, respeitado nas cãs, descontados que forem os calzinhos no botequim do Lourinho mal assomavam na ladeira do chafariz os primeiros nabijas de S. Mateus.

O outro era o que tinha vida para dar e ensinar. Esse, o Gibicas.

[...]

Fomos andando para o professor Honório.

[...]

Na escada de acesso, o Gibicas travou-me o braço:

- Agora tens de me ensinar como é que é essa coisa dos quebrados... senão não te ensino nem mais pitada.

Eu!? Eu daria tudo o que ele quisesse; os quebrados, os promontórios, a descoberta do caminho marítimo para a Índia, tudo.

Com a minha marotice e a sua ciência da vida, tínhamos conquistado a turma. E, por respeito para com o Gibicas, até o Manuel Gansalho deixou de me atormentar com os puxões nas suíças. Amigos sempre o fôramos da primeira até à quarta. E mesmo depois. Ainda no verão passado, um ror de anos que não nos víamos, caímos nos braços um do outro, Rua Direita abaixo – Rua Direita acima. Jantámos, ambos e dois, queijo de cabra com massa sovada, torresmos com inhame frito, pão de milho e vinho de cheiro velho.

[...]

Mas lá ia caindo em saco roto a história do thank you, que acho que foi por aí que peguei. Confesso que me perdi. Desculpa lá, ó tu que lêes.

Lembro-te de que no início do contareco estávamos de língua entre os dentes para sibilar o *th*. O professor fazia empenho pois, como ele dizia, na sua voz roufenha e tresandando a aguardente de nêspereira (a melhor para catarro e peitorreira), era uma vergonha virem por aí abaixo os americanos e nós sem sabermos agradecer. Lá faltas de educação é que não! E, enfim, o que se dizia na Base de nós, uns malcriados, dele, que não nos dava o chazinho! O tanquiú-tanquiú ia-se avolumando numa estereofonia desengonçada.

[...]

Mas antes do ‘toca a andar para casa’ ainda [Honório] avisou:

- Amanhã quero todos de bata branca e calçados! E penteiem-me essas guedelhas!

Quem vier sujo ou sem sapatos não tem caixinha!

[...]

Rua da Sé abaixo, lá fomos na galhofa e no retoíço. O Gibicas, contudo, não estava nos seus dias. Azedo, resmungão, sobrolho carregado, remoía por entre dentes: ‘caixinhas, caixinhas...’.

[...]

E, pondo-me o braço no ombro, como para desabafar, o meu professor de Vitalogia começou. Começou com o pai desempregado, agora engraxador a escudo e meio nos bancos da Praça Velha e fabricante de cestos de cana comprados à baratinha. Estivera na Base cinco meses. E um dia, sem mais aquelas, vai dar uma volta que a gente não tem mais precisão de ti. Tiraram-lhe o pão, à gente todos, de um dia para o outro, sem água vai nem água vem. E agora aparecem aí com as caixinhas... Brabo [*sic*] como uma barata, repetia:

- Caixinhas, caixinhas...

Se aquilo era só por cinco meses, porque não disseram logo ao pai que, assim, não teria deixado o emprego na moagem; dava poucachinho, mas bastava para o pão... Agora,

se o queria, tinha de o ir pedir, duro que nem calhau, de porta em porta... Agora, se queria conduto, tinha que ir com o caniço para riba do cais apanhar carapau ou sargos...

[...]

À minha frente, duas ou três batatas, seguias [Gibicas] na bicha ordenadinha. Eu ia memorando as maquinadas e polidas palavras do Honório: tanquiú, tanquiú. Era lento aquele caminhar até à porta onde estavam postados os amélicas, os professores, o diretor escolar, o padre Abílio. Sorrisos impados de ternura gasta em todos eles. E uma festinha de cão de uma farda grande, gorda e castanha, coroada por uma cabeça de óculos, ruiva e sardenta. Cá atrás ouviam-se, no silêncio de igreja que nos constrangia, os tanquiús da canalhada que nos precedia.

Até que foi a tua vez.

Agarraste na caixinha vermelha, azul e branca, com as estrelinhas desse people para o nosso povo e, sem esperar o afago da farda grandalhona, correndo, gritaste-lhes alto, como ninguém ainda o fizera:

- SANABOBICHAS!!!

Não viste o resto: as fardas perceberam qualquer coisa de anormal e ficaram de sorriso descaído, a caixinha na mão; nós, os que te seguíamos, pensámos que se acabaria ali a filantrópica distribuição; a Dona Berta, agarrada às próprias mãos, de desespero, chorava; o padre Abílio, surdo que nem uma porta, perguntava para os lados o que se passava; o senhor diretor, vermelho como uma malagueta, só dizia: escusemi, escusemi; e o professor Honório, à porta, com os poucos pelos da nuca eriçados, berrava:

- Agarrem-me esse garoto! [...]

Ah!, grande Gibicas!

Ah!, MES-TE-RE!”





FLORIPA, SANTA CATARINA, BRASIL 13º COLÓQUIO 2010



FLORIPA, SANTA CATARINA, BRASIL 13º COLÓQUIO 2010



FLORIPA, SANTA CATARINA, BRASIL 13º COLÓQUIO 2010

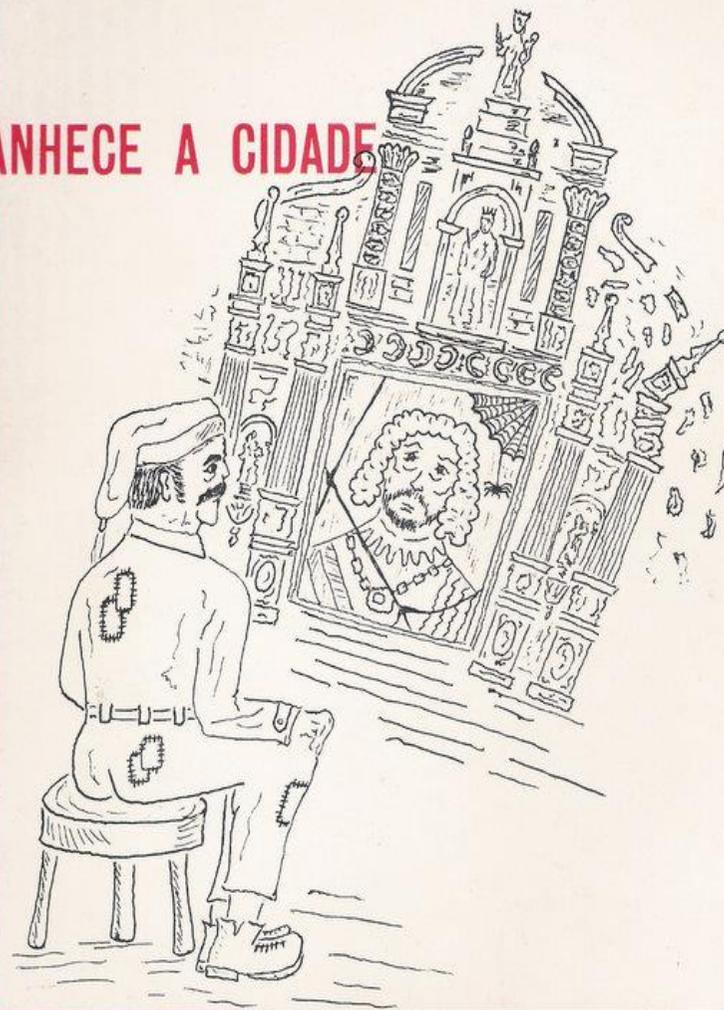


FLORIPA, SANTA CATARINA, BRASIL 13º COLÓQUIO 2010



Vasco Pereira da Costa

AMANHECE A CIDADE



CENTELHA

**A ilha, a nossa ilha, merece uma explicação
(Amanhece a Cidade. Coimbra, Ficção – Centelha, 1978, pp. 15-16-17).**

Quase todos os repúblicos eram das ilhas. Um por um foram chegando do Faial-Pico, de São Jorge, de São Miguel, da Terceira...

Caloríssimos e insulários. Iam para a 'REAL REPÚBLICA DOS MIL-HAFRES' porque já lá havia um amigo, um meio-primo, um conhecido da família. E, saídos de bordo da 3.ª do *Carvalho Araújo*, carregando malas de roupa e os livros do 7º ano, tomavam o comboio para Coimbra. Alguns desembarcavam em Pombal, outros em Alfarelos, porque sabiam ser Coimbra uma estação grande a uns duzentos quilómetros de Lisboa. E, porque a maior viagem tinha sido a da volta à ilha, cuidavam ter já andado o suficiente para alcançar a terra do canudo. Daí ficarem pelo caminho, no isolamento de uma gare fria, esperando com desespero encabulado o comboio ascendente.

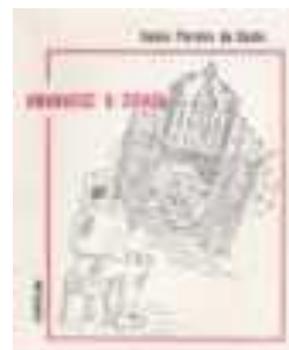
Nos primeiros tempos, escreviam cartas borradas de lágrimas para o páter-famílias e chegavam à janela para enxergarem o mar; engoliam a televisão até ao hino nacional, e liam o 'Diário Insular – Pelos Açores ao Serviço da Nação', à cata de um anticiclone que nas andanças atlânticas lhes trouxesse um cheirinho de alcatra ou um bafo de maresia.

Mas iam botando sentido nas conversas dos *velhos* e, pela primeira vez na vida, ouviam falar de ismos que não lembravam ao diabo: fascismo, nazismo, conservadorismo, colonialismo, progressismo, comunismo... Mergulhavam, de seguida, na 'Seara', sentavam-se com 'O Tempo e o Modo', penduravam-se no 'Vértice', e piscavam o olho a Sérgio, Marx, Rosa Luxemburgo, Engels, Guevara...

A pouco se reconheciam burguesinhos e pactuantes com a sua situação de privilégio: [...]

Em Coimbra, 69, haviam aprendido a contestar o seu estatuto de srs. drs., quando a futricagem a seu lado servilizava para que pudessem ser a capa e batina de pasta gelada e fitada, em lentas passeatas pela Baixa, em avinhados gorjeios às meninas das Letras, em

estáveis sornas na tarimba república, em roçagantes encostos pelos Bancos da Ferreira Borges.”



Venho cá mandado do Senhor Espírito Santo
(Venho cá mandado do Senhor Espírito Santo. Angra do Heroísmo, 1980. pp. 6-7.

[...]

...e o Imperador que se desempenhe do seu ofício em obrigação ao Senhor Espírito Santo, e festejemos nós com ele,

[...]

Antes de mais, o Imperador dar-lhe-á três pancadinhas na porta do meio e dirá:

‘ – Venho cá mandado do Senhor Espírito Santo convidar o dono da casa para acompanhar o Senhor Espírito Santo e a mim, na sexta-feira, para matar o bezerro, e, no sábado, para ajudar a levar a carne, e, no domingo, para me acompanhar de casa até à Igreja, da Igreja até a casa, jantar comigo e levar o Senhor Espírito Santo ao Imperador novo.’

É de ir!

A coisa promete, e olhe que não terá alcatrinha de coives apanhadas no bacelo... O Imperador sabe da sua função e lá por casa, que a Imperatriz tem brios, há de ter Mestra que faça umas sopas a preceito, com olores de hortelã, pão de mesa, bom vinho velho, arroz doce e... alcatra!...

Alcatra!... Alcatra!...

Se cada terra tem o seu manjar peculiar, se a **Paella** é valenciana, o borrego alentejano, a **Lasagna Stuffata** dos italianos, o **Roast-beef** das Inglaterras, as esquisitices francesas, as enguias da Murtosa, a Alcatra – é nossa!

Já dizia Tia Livramento que para fazer uma boa Alcatra era preciso uma boa gueixa. [...]

E o Imperador já separou um cambulhão de cebolas doiradinhas, e já mandou o pequeno mais moço à quinta das Medeiros apanhar loiro cheirosinho, e já despachou a pequena do meio para a Venda do Linhares buscar uma baratinha de pimenta em grão e pau-de-cravo, e já provou e aprovou um vinho de cheiro velho e encorpadinho, que

guardava sacramento na loja de trás-de-casa, e já disse à Sua Senhora que haverá de ser daquele toicinho fumado mais largo que se tirariam as taliscas, e já aventajou ao Prudêncio Sacristão para avisar amanhã na missa da manhã que queria falar com a Tia Machada, e já apanhou uma rama de calibres e de faias e já rachou e pôs a secar umas achas bem asseadas para não se babarem como babões e que façam um fumo incensador [...]"

Plantador de palavras vendedor de lérias
("Plantador de palavras", Plantador de palavras Vendedor de lérias. Coimbra, Serviços Culturais, 1984 "Prémio Miguel Torga", pp. 18-19-35- 36).

"A ilha, para ele [Ti Fausto], não são freguesias, canadas, casas, faias, inhameiros, macieiras, pastos, gado e todo o povo. É uma namorada antiga, que ele afaga nos dias ensoados e que ama com paixão maluca nas noites curtas e eternas.

[...]

Amar a Ilha Menina, de olhos puros como dois torrões de lava fresca e vidrada e gotejante da seiva da terra. Ir na dança do seu meneio de baile, dedilhado nos bordões do violão mais cantante. [...]

Amar a Ilha Mulher, inteiriça e possante, arranhar uma pétala de perfume e lume, sentir-lhe os requebros, o bafo quente da boca ferosa, gostar na ponta da língua o cerúmen das orelhas fugidias,

[...]

Amar a Ilha Mãe, regaço acolhedor e cálido. Pousar a cabeça no repouso do seu ventre largo. Deixar que a sua mão se esqueça e se abandone na nuca sonolenta. Abrir então os olhos e animar esta pietá com um beijo lento na palma da mão e o sorriso abrindo-se devagar, desatento à estátua que ora forjo - Ti Fausto e a Ilha,

[...]

Ti Fausto serve-me de verdeelho. Saudamos a comoção que nos amarra a esta mesa.

Uma gota boia num sulco de madeira.

[...]

Ti Fausto estala a língua e estende-me o olhar cínico de deus incréu:

- E aí está como um neto de lavradores, filho de comerciantes, tem as mãos finas...

Plantador de palavras... Vendedor de lérias...



Cá estou eu, Ti Fausto, o doutor da letra redonda, com a gana de invocar o teu amigo Arquimedes, com quem deambulaste em Antioquia, e de quem recebeste nos ouvidos divinos o grito da descoberta.

Cá estou eu, Ti Fausto, buscando a justificação que me dê o contentamento de mim. Porque, com a minha lavoira de palavras, consegui explicar-me toda (toda...?) a verdade familiar. E absolvo-me. O meu *eureka* é este: o ser capaz de, pelo domínio da palavra, encontrar a remissão para a renúncia... imperdoável. Com esta esfera que escreve

[...]

tudo me parece verosímil e tão cheio de verdade! Como ser eu o filho de Manuel Terra Policarpo, arribado na chalupa *Esperança* à baía de Angra com uma trouxa de linho, uma saquinha de trapos donde roera o último biscoito de raiz de feto, e a carta ao desconhecido. Era o ano de 1920. Meu pai tinha dez anos.

Por saber estão ainda os segredos da sua infância – nunca revelados: o sofrimento está entranhado nas nervuras mais profundas do esquecimento desejado.

O menino perdeu-se nas canseiras impiedosas de uma ilha com fome. E apenas o conheço homem feito, fazendo a vida na Terceira, que é ilha de festas e panzoada – no dizer dos velhos picarotos que lavram as águas do mar e cravam os arpões da vontade no negro mais sáfaro das lavas arrefecidas.”

O vendedor de lérias
(“O vendedor de lérias”, Plantador de palavras Vendedor de lérias. Coimbra, Serviços Culturais, 1984 – “Prémio Miguel Torga”, pp. 39-40-41-42).

“É este o poder que a escrita me dá: arrancar amarras de servidão, libertar enraizamentos daninhos, agarrar no tempo, torcê-lo, contorcê-lo e levá-lo até onde quero, anos e anos retrocedendo, tecendo as horas e os dias num tapete onde raspo as garras da memória. Assim, libérrimo pelo poder da palavra, já me passeio entre a gente que deixei (vivos e mortos) numa ilha de neblinas de linhaça, de verdes nebulosos, de eventos desatinados, de destinos encobertos.

Olho-os – mulheres e homens – liliputianos, movendo-se na palma da minha mão esquerda, arlequins impotentes do meu jogo cruel, dantescamente ressuscitados no meu purgatório de fantasia.

[...]

Dou comigo enternecido e a abarrotar de piedade pela sua pequenez de títeres. Pouso a caneta e, com carícias de névoa, começo a desensarilhar os cordelinhos dos meus bonifrates. Reconheço-os a todos e em todos me revejo. Depois, vou martelar as tábuas do meu teatrinho de brincar. Pinto de branco aguado, cinza e chuva franjada o cenário da minha cidade de Angra. Com cuidados, introduzo-os no palco.

[...]

Um aviso ao público: qualquer semelhança entre estas personagens e pessoas da vida real *não* é mera coincidência.

[...]

Antes que as depusesse neste espaço apertado, mas cómodo para mim, foram aquilo a que chamamos pessoas com qualidades meritórias e defeitos bisbilhotados. Agora, porém, são personagens que vão agir a meu comando. A menos que alguma teime de novo em querer ser gente. Aí declaro a minha incapacidade e chamo desde já a vossa atenção para esse imprevisito raro: o último caso conhecido passou-se em Itália com um tal Collodi, que viu animar-se uma marioneta a quem chamara – Pinocchio.

Ah, meus senhores, mas isto aqui não é a Itália. É a *mui nobre leal e sempre constante* cidade de Angra do Heroísmo, ao tempo em que o Autor nela carregava a sua adolescência de amores, temores e rancores. Como podem observar, uma cidade espartilhada entre mar e mar, com dois castelos a estrangulá-la; com suas casas, nobres por fora e burguesíssimas por dentro;

[...] Vamos agora mudar o cenário. Uma destas pastelarias. Ora bem... as cadeiras, o balcão, os estimados clientes...

Meus Senhores e Minhas Senhoras:

O Autor, empolgado com a sua obra, salta também para o palco. É só uma questão de se libertar dos cordéis dos bonecos. E, vejam só, eu tinha-vos avisado, isto podia acontecer – os bonifrates já se mexem por si próprios... ei-los tornados de novo em gente. Às nove da

manhã roda a chave. Na loja erra um cheiro a café, chocolate, pão fresco, queijo, tabaco, vinho e ananás.

A angra sufoca a cidade. A cidade fecha-se nestas quatro paredes engalanadas por latas floridas e celofanes em farripas. Aqui todos nos toleramos. Sabemos os humores da cidade pelo modo de bater os pés no sobrado, pela maneira de encarar o balcão, pelos atropelos de hábitos velhos, pelos bons-dias entoados. Impossível a qualquer um guardar segredos – da cidade e de si. Fabrica-se, cá dentro, aranhosamente geométrica, uma ilhota em tudo igual à Ilha Grande de lá de fora. Aqui tudo é tolerado no respeito que se deve ao companheiro que o é apenas por fatalidade, aconchegando-nos uns aos outros na mesquinhez do nosso destino comum.

[...]

O tempo da Pastelaria fica dividido sem discussões, aceite pelas conveniências, afinado no mecanismo do pudor, do melindre, da indulgência, do apetite, da necessidade, da dependência.”





FLORIPA 13º COLÓQUIO DA LUSOFONIA 2010



"O VELEIRO" ("O VELEIRO", PLANTADOR DE PALAVRAS VENDEDOR DE LÉRIAS. COIMBRA, SERVIÇOS CULTURAIS, 1984 – "PRÉMIO MIGUEL TORGA", PP. 71-72-73-75-77-78).

“Assente ficou, sem trabuzana, que o assunto era importante e justificava atenções de estratégia. O anúncio oficial fez-se solene para a plateia da Pastelaria: três ingleses, dois rapazes e uma rapariga, entrariam pela baía, ficando, em terra, ao cuidado dele, Guilherme Teles.

O Dr. Fedro, que tinha uma Citroën arrastadeira, ofereceu os seus limitados préstimos para ir mostrar aos visitantes a nossa Ilha Terceira,

[...]

Indagou, pois, o Mestre:

- Que buscam esses cavalheiros e essa donzela?
- De-comer para a viagem! – prosou Jé Caiota.
- Food! – atomizou Guilherme Teles, provocando arregalos temerários nos companheiros, à ressonância da palavra.

Bom, simples era. Mas que tipo de receção pretendia o Senhor Guilherme Teles para tão insigne tripulação?

[...]

Os minutos rendem-se às horas – três ingleses, dois rapazes, uma rapariga, um veleiro, o Peter do Café Sport, pode ser que estejam dobrando a ponta do Monte Brasil... E vamos daí com eles até ao Pátio da Alfandega.

A baía alarga-se num chão de tinteiro. Flácida, a corda sonolenta de um barco na argola do cais. Silenciados os guindastes. Nem o pio da garça orando pela chuva arredia. Para lá do horizonte, a ponte de um cargueiro inútil. Um caniço esgrime na sapata contra um sargo condescendente. O sol não abrasa, mas lassa o corpo, esvazia a atenção da espera, cria camarinhas nas fontes, que só evaporam no regresso à Pastelaria – com um benfazejo copo de tinto.

[...]

- Hom'essa! – enervou-se Guilherme Teles com o fantasma da noite.

- Aconteceu-lhe alguma... – amedrontou-se Jé Caiota, com os calores do Cartaxo. [...]

Pesava o silêncio no alinhavo da tragédia pressentida. O doutor referiu mesmo certos presságios: o rato atropelado pelo Eufrásio Carroceiro guinchara um estranho coro de toninha; a nuvem negra em forma de mulher deambulava como uma carpideira; o calor desusado caíra na noite imprevisita; o ralho do cagarro ecoara uivante e canino e sinistro. Que mais indícios da desgraça?

[...]

Inexorável, o Chalandra aproximou-se:

- Vossorias é que esperavam um veleiro?
- Sim! – retorquiu o Coro, soerguendo-se (com dificuldade) expectante.
- Com dois rapazes e uma moçoila?
- Isso!
- Ingleses de Inglaterra?
- Nem mais!
- Que vinham da Horta?
- É como diz!
- Para mercarem de-comer?
- [...]
- *Ubi veritas?* – dignificou-se o Dr. Fedro.
- Onde é que eles estão? – cramou Jé Caiota, fungando o desaire.

- **Ubei**, senhores, eu cá sei... Eles chegaram eram três e piques, atracaram, vi os papéis, mercaram o que lhes convinha, eram umas cinco e já iam adiante dos ilhéus na rota de São Miguel...

Caíram os braços e elevou-se a raiva e a vergonha nas faces [...] baralhadas com a exaltação do cartaxo.

[...]"



Segunda Memória – Pedro e Inês
(“Segunda Memória – Pedro e Inês”, Memória Breve. Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano de Cultura, Coleção Insula – Nova Série, nº 1, 1987, pp. 51-52).

: “Perdi o conto das vezes que a esta secretária me sento, rilhando o plástico da bic, garatujando círculos e linhas de distração na folha de papel, à procura de um lampejo que faça descer da cabeça aos dedos a história enevoada que baila em desafio diante de mim. Mas obriguei a vontade a esta decisão de ter-que-ser: já basta de adiar a escrita!

Sei, oh se sei!, de onde vem a hesitação: a história [de Pedro e Inês] está mais que contada, os poetas lyricaram-na, os historiadores historiaram-na, os prosadores prosaram-na, os dramaturgos teatralizaram-na. E, de tanto a trabalharem, ela surgiu sempre outra nos seus vocábulos ora sedosos ora ariscos, ora luminosos ora indistintos nas trevas, ora sonoros de alegre espanto ora imersos no silêncio da amargura, ora numa roda verde de dança da vida ora deslizantes no escorregadio sibilino da morte negra. Sempre outra, não digo bem, porque, afinal, nada alterou o destino da gente que fez esta história: é sabido que qualquer escritor que a retome, ressuscitando o tempo e as vidas, animando casas, árvores, trevas, caminhos e sóis, será obrigado, no final, a derrubar as casas, a abater as árvores, a queimar as trevas, a barrar os caminhos, a apagar os sóis, a calar o tempo e a matar.

Daí a minha dúvida de escrúpulo em fazer regressar à vida efémera das palavras, uma vez ainda, quem merece o repouso do túmulo tranquilo. Como, pois, irei eu despertar para este meu tempo de verbos precários e sem promessa quem já transitou desgraçadamente pelo seu tempo de desgraça?

Deixo-me, contudo, encantar pela fala maravilhosa das palavras que, ao tocarem a rigidez da morte, animam, pelo seu poder indomável, os corpos tumulados. E já nada

poderei fazer para evitar a real presença de toda esta gente à minha volta, que se acerca de mim pelos quatro ângulos da mesa, que se roça por mim em sussurros estranhos de coro de tragédia, que espreita, ansiosa, por sobre o meu ombro, as palavras que disponho para cada um.”

“Largo da Portagem”
(Sobre-Ripas Sobre-Rimas. Coimbra, Livraria Minerva, 1994, p. 34).

Desperta o rio
ao lado da cidade quieta

Esvai-se a noite em amor
em quimera e desafio
numa balada do Zeca

Uma vela de sol moço
acorda
e repõe o alvoroço
na barca da rebeldia

Trás da janela do Torga
Portugal parte à poesia



16º COLÓQUIO DA LUSOFONIA 2011 VILA DO PORTO, SANTA MARIA

16º COLÓQUIO DA LUSOFONIA 2011 VILA DO PORTO, SANTA MARIA

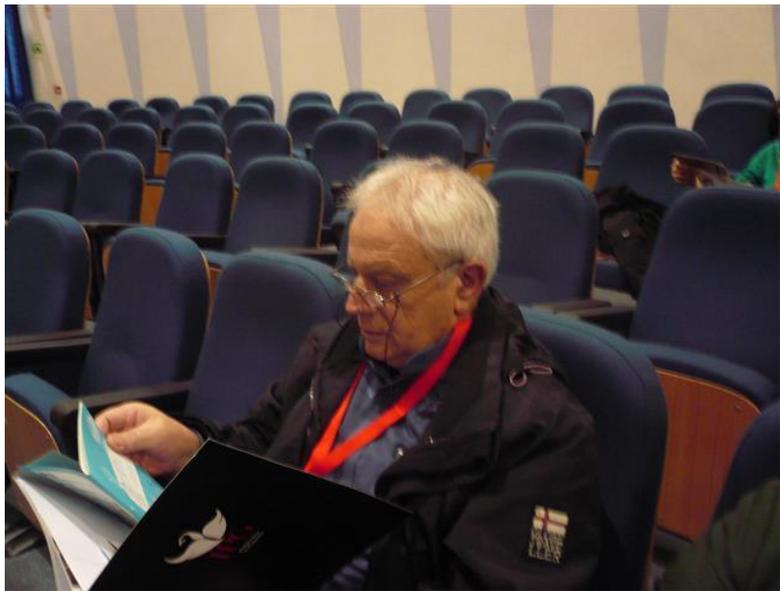




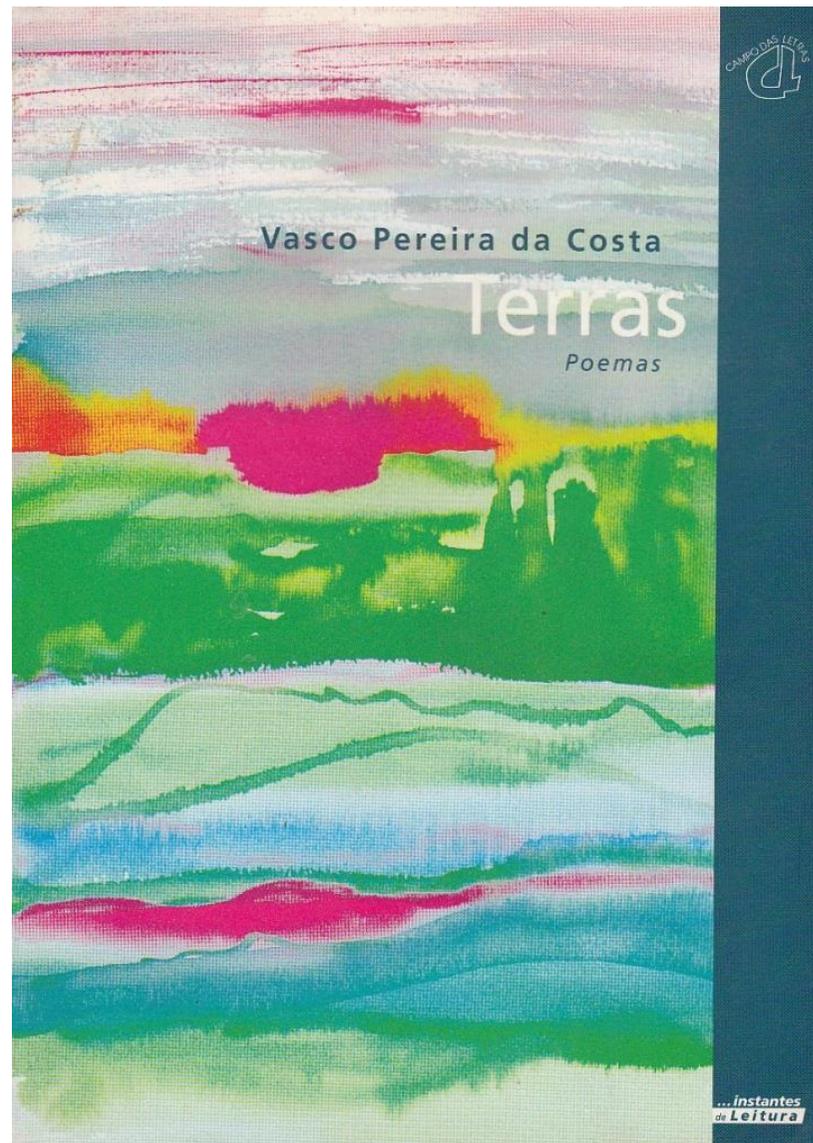
16º COLÓQUIO DA LUSOFONIA 2011 VILA DO PORTO, SANTA MARIA



16º COLÓQUIO DA LUSOFONIA 2011 VILA DO PORTO, SANTA MARIA



SEIA 2013 20º COLÓQUIO DA LUSOFONIA





" De "Terras" tratam estes poemas. Mas com visão e com sentimento. E com ricas, elementares, profundas referências culturais. A linguagem é subtil e apurada. A subtileza está no ponto em que se conjuga sobre si o lado exclamativo com a expressão sentimental, ao olhar as "terras", ao indagar, acerca delas, a presença do outro (daquele que as habita).

Este livro, no seu todo, no modo como está organizado, contém algo de peregrinal, no melhor sentido, que é, afinal, um dos bons sustentos da atitude poética. Há um fio, entre o narrativo e o lírico, que se mantém de poema para poema, ao encontro da unidade em cada sequência.

É um livro inteiro, completo, muito belo e muito bem escrito."

João de Melo

"Caminho de Santiago"

(Terras. Porto, Campo das Letras – Editores, S.A., 1997, p. 12).

Eis-me aqui de concha e cajado
peregrino em busca das palavras
do velho falar que quero falado.

Tomo-as na concha breves vagas
rasgo-as no terreiro
na ponta do bordão caminheiro
indefesas maduras inquietas
rezando a imaculada heresia
da buliçosa gramática dos poetas:
Manuel Maria, Celso Emílio, Rosalía...

"A Bruxa de Girona"

(Terras. Porto, Campo das Letras – Editores, S.A., 1997, pp. 13-14).

Na torre de Carlos Magno
virada ao Norte cardeal da certeza
uma bruxa atirava pedras rebeldes
palavras feias
ao passar a procissão de Corpus Christi.

Até que
Deus a puniu e a fez
gárgula de boca aberta:

*Pedres tires pedres tirarás
de pedres quedarás*
(era Deus a rimar catalão
contra o calão da bruxa)

Vive em pedrado desespero
(agonia de gárgula)
a Bruxa do Barri Vel.
Em dias de tempestade vomita
as águas sujas dos telhados da Sé.
Nos invernos suporta os ventos frios do conigó
e grandes caramulos pendem da sua garganta
belos como palavras feias.

“IOS” (Terras. Porto, Campo das Letras – Editores, S.A., 1997, p. 16).

Quem inventa ilhas apenas cria
sabidos paraísos e infernos ainda iguais
às vidas já vividas na agonia
de ser o menos e almejar o mais.

Quem em ilha nasce logo cedo reconhece
onde o menos se distende e como o mais fenece.

**“Ode à La Maison des Huit Heures”
(Terras. Porto, Campo das Letras – Editores, S.A., 1997, pp. 19-20-21).**

Oito horas para o trabalho oito
horas para o sono oito horas
para o lazer – cerveja
na Maison des huit heures
na parede o horário
em seu relógio para que se veja
o tempo da vida do mineiro
medido por trabalho sono lazer operário
inteiro
nas medidas regras medidas a ponteiro
do relógio certo às oito horas
na Maison des huit heures.

Cheira a suor e a carvão
ao lúpulo da crik ao malte da Jupiler
a tabaco frio no ardor da discussão
a cigarro aceso em nuvens de lazer.

Umás vezes o sono outras vezes é
o trabalho a enublar a sala. Um
prazer bisonho na chávena de café
um afago a um cálice de cognac um
naufrágio num copo de rum.
Alagam-se tristezas sonoras

e rumores conspirados chispam no oiro
da caneca onde esfria a espuma de oito
horas
entre as mesas sem fim mas com horas
da Maison des huit heures.

Lá fora a fábrica a casa e a chuva varre
o cinzento de oito mais oito horas do vrai pays noir.
Aqui sobeja
No trago amargo da cerveja
a acertada medida alegria
proletária em oito horas de cada dia.

“UMA ESCULTURA INNUIT” (TERRAS. PORTO, CAMPO DAS LETRAS – EDITORES, S.A., 1997, P. 37).

Moldou o Homem
primeiro à semelhança da sua descoberta.

E de uma costela
acrescentou para a cópula de pedra
uma Eva.

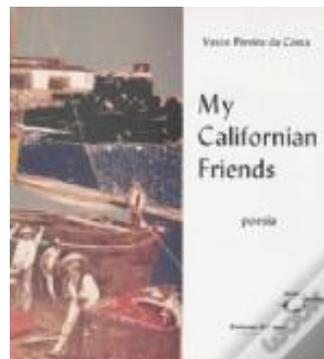
Tal como Rodin o Índio
inominado é o Deus
que poeta.



FLORIPA, SANTA CATARINA, BRASIL 13º COLÓQUIO 2010



FLORIPA, SANTA CATARINA, BRASIL 13º COLÓQUIO 2010



Matateu

(My Californian Friends. Gávea Brown, Palimage Editores, 1999)

Herdou áfricas na pele e no olhar
e a malta ao vê-lo jogar a bola no liceu
vá de o chamar

FLORIPA, SANTA CATARINA, BRASIL 13º COLÓQUIO 2010

o Matateu.
Era o interior esquerdo o miolo
da esquerda da nossa linha.
Um dia esgueirou-se pela esquerda em busca do golo
da sua vida numa jogada inventiva e repentina.
A Defesa nem o viu passar: driblou a guerra.
Foi para a América. Fintou a clandestinidade.
Nunca mais voltou à nossa terra.
Em Boston recolheu carrinhos de compras
no parking dum mall na periferia da cidade.
Em Chicago em noites de frios e de sombras
vigiou as gavetas de uma morgue deserta.
Foi vaqueiro em Tulare quase cowboy
(e interrompe sem prosápia de pícaro nem de herói:
a saudade aperta
e a solidão dói).
Foi troca-fintas em Las Vegas e no Reno
e com um chuto certo a encher o pé
gritou gooooolo na relva rapada de um casino.
(E logo-logo off side em Santa Fe).
Foi grumete num paddle wheel boat do Mississípi
a navegar de Saint Louis a New Orleans.
Fez amor quando pôde num florido grupo hippie.
Foi parar ao Alabama a apanhar amendoins.
Teve angústias de penalty num night club de Atlanta
mendespinto costa-a-costa em jogadas de habilidade.
(E há uma pausa de nó na garganta:

tanto dói a solidão como a saudade).
Numa rua de Sacramento encontrei o Matateu
(onde o interior esquerdo de poderoso remate?)
À queima-roupa disparou que envelheceu
e que já não há segunda-mão para o desempate.
Agora leva e traz meninos à escola
num schoolbus amarelo metido numa farda.
No Estádio da Sorte rasteirado! roubaram-lhe a bola
- e o árbitro fechou os olhos à malandrice.
Saudades da nossa terra? – Em barda!

E molham-se os versos do que ele me disse.

**”Em Gustin, na Festa da Senhora dos Milagres da Serreta”
(My Californian Friends. Gávea Brown, Palimage Editores, 1999, p. 7)**

O *u* labial a vogal epentética
uma perdição de sílabas finais
sotaque intacto em prosódia poética
memória de ventos das ilhas verbais

Sílabas de festa como sóis na tourada
da Senhora dos Milagres no Pico da Serreta:
falares de vinho e pão. Nesta toada
se consente a métrica errante dum poeta

Mãos escorrendo o espesso leite do vale

(ribeirinho branco da nota verde):
a leitaria é só gesto maquinal
e o v da vida perdeu-se numa aférese

A rica América aí está mas bem distante
e perto os filhos já da nova Babilónia.
América – pastos de saudade bastante
na mugida ordenha da Califórnia

Queen Nancy
(My Californian Friends. Gávea Brown, Palimage Editores, 1999)

Senhor Espírito Santo de Quem sou Irmão
da Tua Irmandade do Desterro. Abençoa
a abundância das Califórnicas – a carne o vinho o pão
ofertados em nome da Tua Terceira na pessoa
desta Rainha de festejos atlânticos. Entende
o alterado código a salva o cetro a coroa
o vasto vermelho do manto que no asfalto se estende
as lantejoulas os penachos os vidrilhos do diadema
ainda que Te lembrem adereços grotescos de cinema.
Desce em línguas de lume a Tua sabedoria
sobre Nancy efémera Rainha do Espírito Santo
na sagração da prometida Terra da Alegria.
Revela a plena maravilha e o supremo espanto
do triângulo do círculo do quadrado e o mistério
da Tua bandeira bordada a fogo e a oiro
e os enigmas inscritos no altar do Teu Império.

Aceita que Nancy só hoje Rainha represente
no puro vinho no alvo pão no sangue do toiro
os secretos sentidos de Elêusis desperto de novo.
Acolhe a Rainha do Teu dia da Tua minha gente.
Em humanal verdade te digo ela é o povo
que cruzou mares e terras num pássaro de metal
até ao Pacífico em busca da felicidade legítima.
Protege Senhor Espírito Santo a rapariga gramatical
seus enunciados terrunhos a sua sintaxe marítima.
Lança a Tua bênção à sua beleza de adolescente
seus meneios seu sorriso sua perfeição feminil.
Sobretudo alivia seus pés apertados. Não seja penitente
mas que neste dia permaneça a mulher gentil
cheia de graça Contigo seja bendita entre as mulheres
pois Nancy é Juno Gea Maria Vénus Maia Ceres.
Refresca com Teu sopro divino seu colo acalorado
não a importune o suor nem o peso da roupagem
e que uma leve brisa a toque como o vento namorado
enleia o fruto maduro que se oferece na folhagem.

Senhor Espírito Santo de Quem sou Irmão
na Tua Irmandade do Desterro. Sei que velas
por Nancy. Mas faze com que as filhas em coroação
cantem sempre o Paráclito e o júbilo da vida. Entende
na Tua sabedoria infinda procura perceber a língua delas
Holly Ghost my brother my Californian friend.

“Meu primo Manuel”
(My Californian Friends. Gávea Brown, Palimage Editores, 1999, p. 11)

“Meu primo Manuel da Prainha do Pico
vive em San Jose. Trabalha no dry wall.
Não quis como o pai albacora nem bonito:
trabalha ao sol da Califórnia - de sol a sol.

Tem lindo home que ele próprio ergueu:
Back yard living room kitchen com talaveja.
Na garage uma van. Tem muito de seu.
E a mesa farta para que farte e se veja. [...]

Mas pensa em comprar a Companhia
Do boss - retired já e podre de rico.
Eis pois enfim a suprema galhardia
De meu primo Manuel da Prainha do Pico.

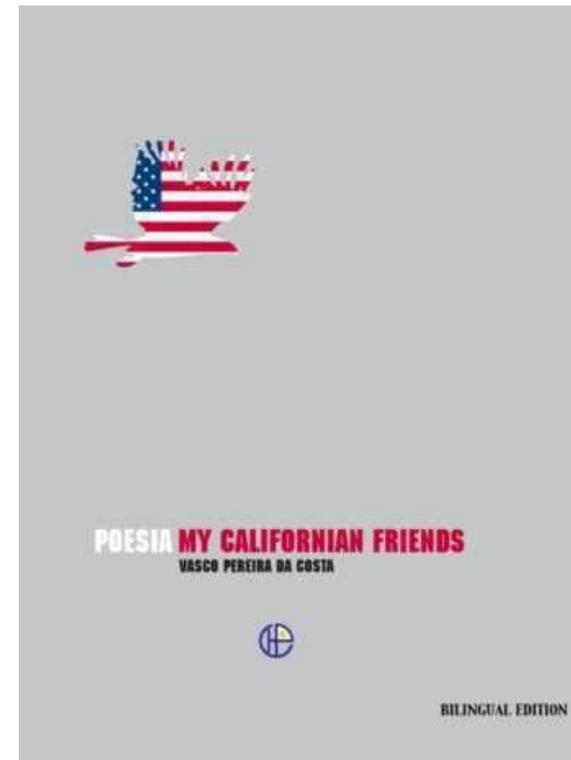
Uma história com a desejada apoteose
o *grand'final* ilhéu o picaroto happy-end...
se não vier a agravar-se a espondilose
e aquela dor nas costas que ele desentende.”

“Dinis, the Portuguese teacher”
(My Californian Friends. Gávea Brown, Palimage Editores, 1999, p. 17).

Na língua ausente a saudade maior
na palavra saudade a língua viva

Não a saudadinha de folclore
pitoresca e digestiva
constitucional e estatutária
de meter dó em dó menor
no caldo verde no rubro chouriço

Mas a saudade necessária:
apenas quatro sílabas de compromisso



“Uma pergunta a Álvaro Oliveira”
(My Californian Friends. Gávea Brown, Palimage Editores, 1999, p. 22).

Como é Álvaro a alma do Raminho
à beira do Pacífico derramada
um freeway é será caminho
onde desemboca a tua canada

Como traças Álvaro o frágil segmento
da alma da casa os riscos da família
se entre Atlântico e Pacífico és fragmento
de ilha sem arquipélago – ilha de ilha

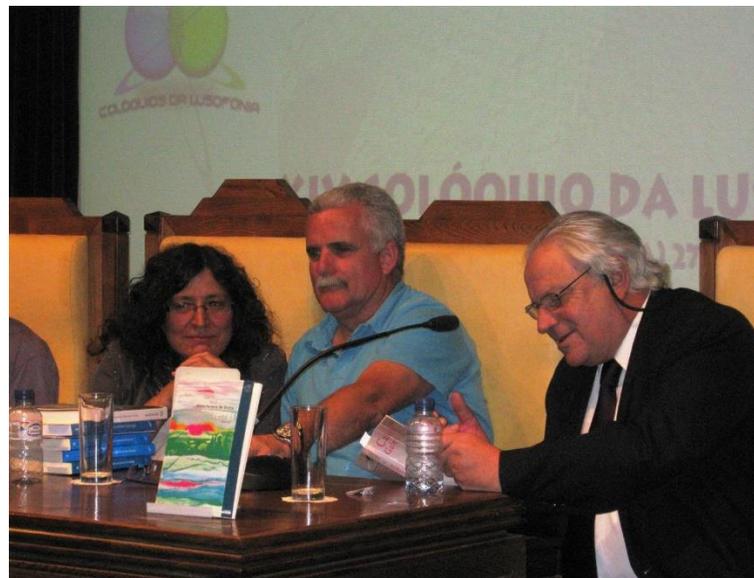
“À conversa com João de Melo”
(My Californian Friends. Gávea Brown, Palimage Editores, 1999, p. 23)

Vemos as casas os carros os fatos os vestidos
sabemos o suor a fábrica a máquina a vaca
adivinhamos o sentido da vida os sentidos
de uma saudade que bate e às vezes mata

Ouvimos a palavra perdida como nova
provamos-lhe o sabor trazido na bagagem
olhamos corpos rostos nossos – são a prova
de uma viagem sem fim ao fim da viagem

Calafona será vocábulo desprezível

para gente de tanta lágrima mas feliz
é porém o erro a palavra incorrigível
para gente e lágrimas como a gente diz



14º COLÓQUIO BRAGANÇA 2010





14º COLÓQUIO BRAGANÇA 2010



“Rose era o nome de Rosa”

(My Californian Friends. Gávea Brown, Palimage Editores, 1999, p. 25).

A mãe disse não mais
não mais eu não mais tu filha
não mais nomes na pedra do cais
não mais o cortinado da ilha

Não mais Rosa sejas Rose agora
não mais névoas roxos ais
não mais a sorte caipora
não mais a ilha não mais

Porém Rose o não mais não quis
e quis ver a ilha do não mais
o cortinado roxo infeliz
os nomes na pedra dos cais

Pegou em si e foi-se embora.
Não mais Rose. Rosa outra vez agora.

Mares imensos águas sem fim/antes de um porto a oeste.

Vasco Pereira da Costa, *O Fogo Oculto*

*Vila Nova da Barca,
Cá estou. Vivo e cívico.
Preenchi o boletim do IRS
dou comida aos gatos que me visitam
leio o Expresso com pressa
compadeço-me com as guerras do telejornal
revolto-me com o granizo que feriu os frutos
O sol desaparece entre as flores do damasqueiro.
Muito conversamos sobre o não ser.*

Vasco Pereira da Costa, *O Fogo Oculto*



BRASÍLIA 13º COLÓQUIO DA LUSOFONIA 2010



BRASÍLIA 13º COLÓQUIO DA LUSOFONIA 2010



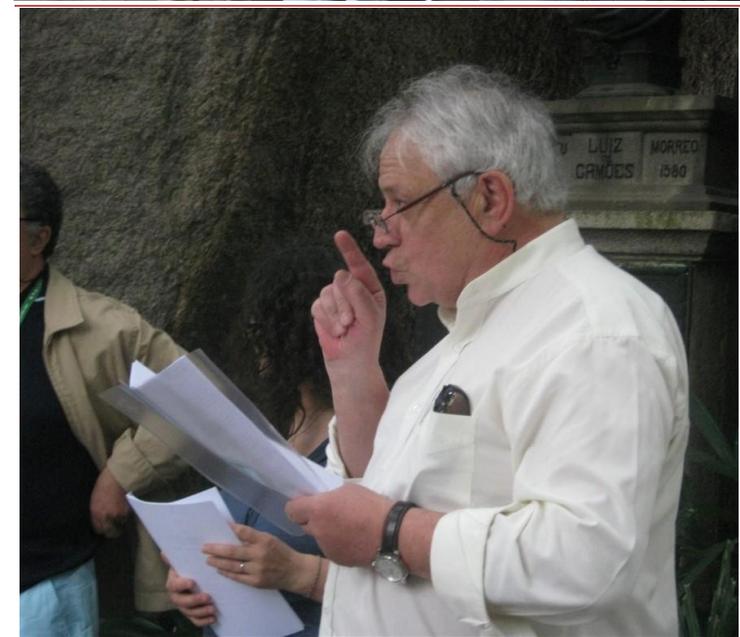
RIO DE JANEIRO 13º COLÓQUIO DA LUSOFONIA 2010



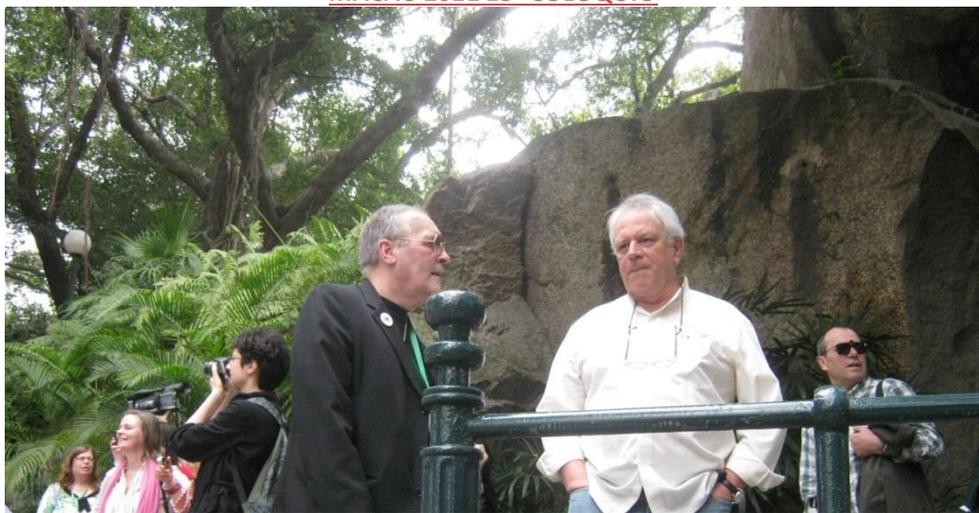
RIO DE JANEIRO 13º COLÓQUIO DA LUSOFONIA 2010



MACAU 2011 15º COLÓQUIO



MACAU 2011 15º COLÓQUIO



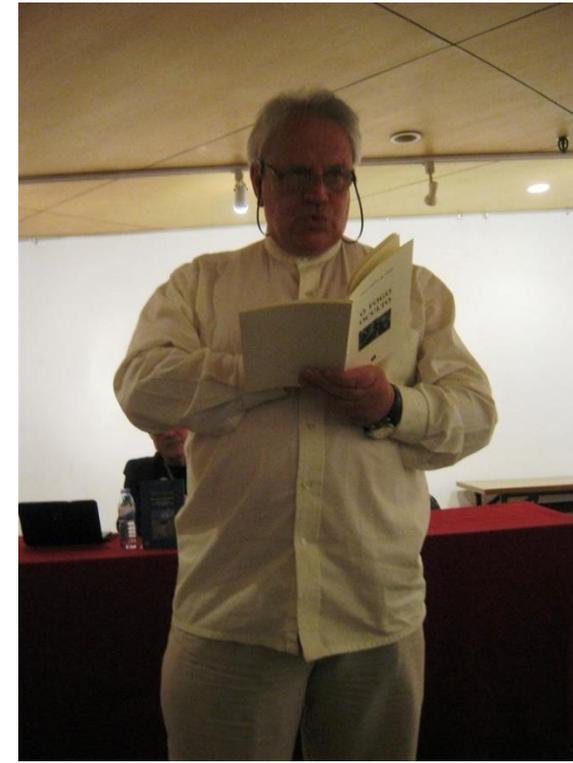
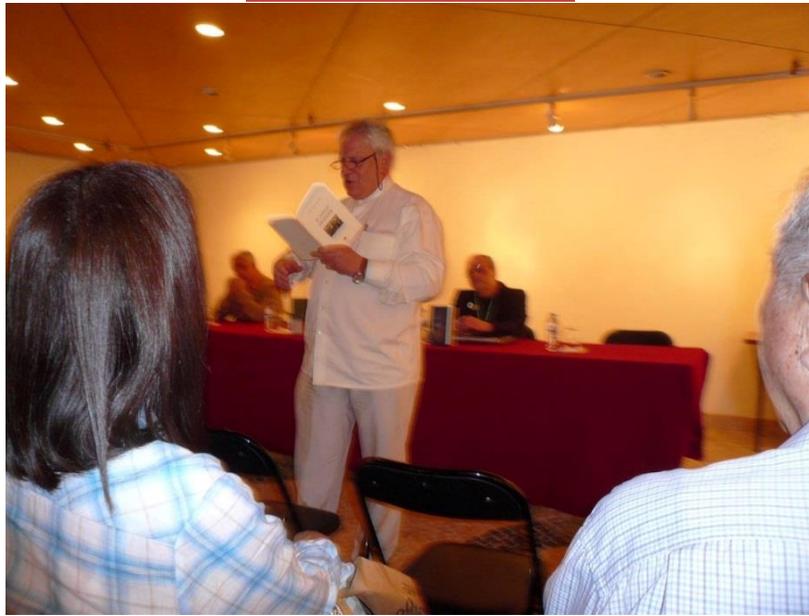
MACAU 2011 15º COLÓQUIO







MACAU 2011 15º COLÓQUIO



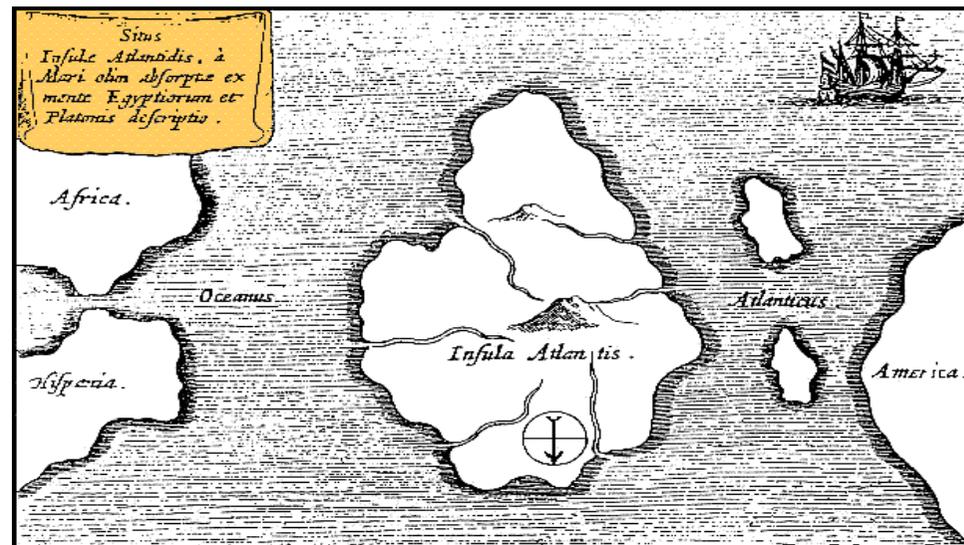
MACAU 2011 15º COLÓQUIO



MACAU 2011 15º COLÓQUIO

CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS

REVISTA DE ESTUDOS LUSÓFONOS, LÍNGUA E LITERATURA, DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA



CADERNO Nº 4 março 2010

DEDICADO a Vasco Pereira da Costa

Todas as edições estão em linha em <http://www.lusofonias.net>

Editor AICL/Colóquios da Lusofonia

Coordenadoras Helena Chrystello / Rosário Girão dos Santos

CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia para todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)



Editado por

COLÓQUIOS DA LUSOFONIA (AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA - revista janeiro de 22

Em linha ISSN 2183-9239 CD-ROM ISSN 2183-9115

Em linha ISSN 2183-9239 CD-ROM ISSN 2183-9115